



CONSELHO
DAS ESCOLAS



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

A FORMAÇÃO CONTÍNUA PROMOVIDA PELOS CFAE'S Atores e Desafios

14º Congresso Nacional dos Centros de Formação de Associação de Escolas
Santo Tirso
19 DE OUTUBRO DE 2018

Saúdo os presentes e, antes de mais, aqueles que me acompanham nesta Mesa Redonda.

Agradeço ao representante dos CFAE do Norte e meu amigo, Dr. João Sousa, o convite que me dirigiu, enquanto Presidente do Conselho das Escolas, para participar numa mesa redonda, cuja temática, afinal, se inicia e termina nas Escolas pois falar de CFAE's e dos seus desafios é falar das Escolas e dos desafios que enfrentam.

Quero também endereçar os parabéns a todos os Centros de Formação de Associação de Escolas do país pelos 25 anos como organizações ao serviço dos professores, do pessoal não docente, das Escolas e da Educação em geral.

Optei por resumir a minha intervenção inicial em oito notas breves:

1. A força e a vitalidade dos CFAE – mesmo quando se organizavam em malha mais fina e tinham base concelhia – está e sempre esteve

numa certa ideia de associativismo escolar, de união de interesses, de junção de forças e recursos das Escolas. Se olharmos atentamente para o passado, veremos que o segredo do sucesso dos CFAE residiu no facto de as Escolas de uma área geográfica, terem sido capazes de construir, não apenas um espaço de materialização dos seus interesses de formação, mas também e tantas vezes o único espaço onde os dirigentes escolares se encontravam para discutir e debater assuntos comuns e problemas com que se confrontavam nas suas Escolas.

2. Mesmo nos momentos de maior penúria financeira e até de ausência de financiamento, mesmo nos momentos em que a Administração Central deles se esqueceu, as Escolas nunca abandonaram os seus Centros de Formação. E, ao contrário do que tantas vezes sucedeu e sucede, as Escolas cooperaram entre si cedendo ao Centro funcionários, equipamentos, formadores... Enfim, até chegaram a ceder créditos horários para que os seus Centros de Formação não morressem. E aqui estamos.
3. Não fossem os CFAE e a formação nas Escolas poderia existir, de facto, mas seria incipiente, seria esparsa e estrategicamente irrelevante por falta de massa crítica. É o interesse comum das Escolas e a economia de escala daí resultante que permitem que os CFAE tenham conseguido, ao longo destes últimos 25 anos, materializar, dar coerência e intencionalidade estratégica à formação de professores e de pessoal não docente das Escolas.
4. Não fossem os CFAE e as Escolas estariam hoje mais isoladas, mais abandonadas e mais dependentes de terceiros do que estão. Os CFAE deram às Escolas alguma autonomia, permitindo que estas planeassem e implementassem projetos formativos comuns,



organizassem ações de formação, encontros, sessões temáticas, congressos e toda a sorte de eventos formativos e educativos, focados nos seus interesses, que, de outra forma, não se realizariam. **É em torno dos CFAE que se juntam, partilham e trabalham colaborativamente as Escolas de uma região.**

5. No momento em que os CFAE comemoram 25 anos de existência, temos sobejas razões para nos sentirmos orgulhosos do seu trabalho e dos seus êxitos. Todavia, sabemos que o sucesso nunca está garantido e porque não há *bem que sempre dure nem mal que nunca acabe*, os CFAE, tal como as Escolas, não podem deixar-se embalar pelos sucessos passados, antes têm de ser preparar para um futuro que será sempre mais difícil que o presente.

Serão muitos os desafios que nos esperam.

6. Desde logo, no conjunto de preocupações de futuro, as Escolas e Centros não se livrarão facilmente do velho problema do financiamento, da sobre dependência dos fundos europeus e da gestão política que preside à gestão desses fundos. Os problemas de financiamento e da disponibilidade de recursos poderão voltar a colocar em causa o funcionamento dos CFAE. Por isso, sou favorável a que se pondere a possibilidade de os CFAE diversificarem as suas fontes de financiamento prestando serviços externos e disponibilizando as suas instalações e recursos a terceiros.
7. Outra preocupação, séria, decorrerá do quadro de desenvolvimento da descentralização de competências para as autarquias. Qual a autonomia das Escolas e dos CFAE num cenário de descentralização? Que mecanismos serão criados para que Escolas e Centros preservem uma esfera de alguma autonomia técnica,



pedagógica, administrativa, financeira e de gestão de recursos que os defenda dos entusiasmos dos novos poderes autárquicos e da segunda camada de administração a que estarão sujeitos? **Neste cenário, as Escolas só terão a ganhar se reforçarem os laços e as relações que as têm unido em torno dos CFAE, ou seja, se forem capazes de encontrar e colocar os interesses comuns antes do interesse enquanto organizações individuais.**

8. Por fim, uma questão que deve merecer o cuidado dos atores educativos escolares prende-se com a qualidade dos serviços prestados. Os CFAE devem procurar garantir uma formação de qualidade, proporcionada por formadores qualificados, competentes e por si escrutinados. A formação profissional oferecida pelos CFAE não deve responder, apenas, às propostas apresentadas pelas suas Escolas ou às encomendas da Administração Central. Tal como acontece com a candeia que segue à frente, os Diretores dos CFAE e os Conselhos de Diretores devem ter iniciativa e serem arrojados nas ações de formação que inventariam e disponibilizam, abrindo novos caminhos, desafiando e atraindo as Escolas e os seus quadros a fazerem formação ao longo da vida e não apenas para progressão na carreira.

19/10/2018

José Eduardo Lemos, PCE

